

Nasceu Mulher:
Apresentação de Maria José Vidigal

Filomena Valadão Dias¹

Nasceu / Nasceram (ela e sua gémea) a 16 de Janeiro de 1932, no extremo nordeste, no Dundo (Angola), junto à Companhia dos Diamantes. Primeiro a irmã, depois ela, a irmã era pequenina e não tinha reflexo de sucção, mas o amor de mãe, colocado em cada colherinha de leite, deu-lhe a vida. Tem Angola nas memórias da saudade. Brincou muito com a sua gémea, faziam casas com tijolos e praticavam jardinagem. Gostava de ir à horta, pois havia um cheiro intenso a limão. Já em Portugal, bem mais tarde, “desenhou” a casa de campo, que veio a construir com o seu marido e, até hoje, as rosas fazem parte da sua vida. Quando passa por um limoeiro, o seu cheiro, devolve-lhe as idas à horta de há 90 anos. Era muito tímida e silenciosa, talvez porque estaria a gravar tudo o que se passava à sua volta, daí a riqueza das suas memórias. Era sempre a sua gémea – Branca, viva e tagarela, que fazia rir as visitas com as suas conversinhas. Andavam sempre juntas e protegiam-se mutuamente, sobretudo das exigências da mãe que queria umas filhas perfeitas. Tem Portugal como o País adoptado. Aos 14 anos e 10 meses regressou definitivamente a Portugal. Foi difícil deixar a sua Angola, as suas longas tranças, os poentes, os sons e os cheiros; e o seu deserto e o seu mar de águas quentes. Em Lisboa era o gelo, o interno e o das salas de aula. O Liceu foi sofrido. Era outro mundo, outra realidade social. Apenas se sentiu adaptada quando entrou para a faculdade, onde criou grandes amigos.

Casou com o seu António, um pensador “livre”, conversador e admirável contador de histórias. Conduziu o carro, no dia do seu casamento, ficando a mãe escandalizada por nunca ter visto uma coisa assim. Sobreviveu à ditadura e à prisão do marido, à sua falta, à semana reduzida a 15 miseres minutos, tempo que lhe davam para estar com ele entre duas grades que os separavam. Sobreviveu ao desamparo, às angústias e incertezas de quem fica só, com as preocupações, com as faltas de dinheiro, com uma família a cuidar.

¹ Psicóloga e Psicoterapeuta Psicanalítica, PsiRelacional. Contacto: valadaodiasfilomena@gmail.com

É mãe de 3 filhos. A sua Inês nasceu de cesariana, teve de ficar um mês afastada dela e o que mais desejava era estar numa praia com a sua pequenina. O parto do seu segundo filho, o António José, António do pai e José da mãe, trouxe a terrível possibilidade da escolha entre a vida da mãe e a vida do filho, claro que ela gritou (no sentido literal) - salvem o meu filho! O parto do terceiro filho, o João Pedro, correu bem, traumatizada pelos anteriores, parecia que ouvia a enfermeira dizer que algo não estaria bem. Tem 8 netos, um deles adoptivo, e um bisneto. São a sua maior alegria.

Experienciou a violência das perdas irreversíveis. Num curto espaço de tempo perdeu o seu pai, passado um ano, a sua mãe e depois a sua gémea. Nos últimos tempos de vida da sua gémea e apesar da tamanha dor que sentia, acolheu no seu coração as queixas e preocupações da sua Branca; deu-lhe ânimo com o cheiro das rosas do seu jardim. A morte da sua gémea deixou-lhe uma ferida que nunca fechou. Foi assim que o seu cabelo se tornou branco, que a pele enrugou, que muita coisa mudou, mas o cérebro continuou a dar-lhe o privilégio do pensamento. Mais tarde o sofrimento imenso, com a perda do seu marido, tão novo, 67 anos. Viveu com ele uma vida cheia, uma vida feliz. Guarda as memórias do amor partilhado, da criatividade; dos fios de linha pendentes na varanda a fazerem chegar a troca de bilhetes entre os dois. Aprendeu muito com ele, pois só tinha tempo para ler livros técnicos, então o marido lia, lia muito e depois contava-lhe o enredo dos livros. Nestes últimos anos sofreu um golpe violento quando perdeu a sua Tana, amiga de Infância, dos tempos de Angola; e o último homem que amou na vida, o António. Guarda a saudade e vive a solidão da perda.

É corajosa, escreve sobre as perdas dolorosas, documenta a sua capacidade de transformação do sofrimento, do poder de ressuscitar da morte, pelo amor. Com a sua escrita acompanha-se dando continuidade aos diálogos interrompidos. Tudo o que fez na vida foi por amor, nunca deixou de amar. Escreve sobre o amor e os sonhos. Deixa aos seus descendentes a história dos seus antepassados; antes de Angola a Índia.

É uma mulher do mundo, viajou por África, Europa, Medio Oriente e Ásia. Escrevia diários de viagem. Aprendia sobre as pessoas, as culturas e religiões; sempre com um olhar de espanto e admiração. Na Índia passeou-se pelas areias, que outrora foram pisadas pelos seus antepassados maternos e paternos; que belo reencontro.

Mulher Aluna / Médica / Psiquiatra / Psicanalista

Iniciou a sua escolaridade junto com a sua gémea, aos seis anos, em casa com a sua mãe, que na ausência de escolas no Cuangar, onde se encontravam, arranjou umas folhas de papel e começou a ensinar-lhes. O pai pediu ao Governador Geral para o transferir para uma vila que tivesse escola; foram para Caála. Com muita vontade de apreender, inicia a escola com grande curiosidade pelo ambiente escolar, mas sofre uma profunda decepção; a professora gritava e batia com a régua na secretária. Com uma nova professora, de quem gostou, reparou o seu sentir. Não foi possível terminar a 2ª classe nesta escola, acabou por fazê-lo em Portugal e o exame da 3ª classe em Luanda. Já no sul de Angola, em Porto Alexandre, concluiu com a sua gémea a 4ª classe. Seguiu-se Moçâmedes, um colégio de freiras, a quase 100 quilómetros de casa, acabou por ficar, com a sua gémea, a viver lá, durante três anos, com a família Freitas, que era verdadeiramente adorável. O destino seguinte seria o colégio em Sá da Bandeira, mas era dispendioso e acabaram por não ir. Ficou com a sua gémea cerca de 2 anos sem estudar, tempo que preencheu com a sua voracidade pela leitura, lia tudo, até os livros proibidos. Identificava-se com as personagens, dormia com o “David Copperfield” de Dickens.

Regressa a Portugal com a sua gémea e a sua mãe. Prosseguiram os estudos no Liceu Filipa de Lencastre. Seguiu-se a Faculdade de Medicina de Lisboa onde fez a sua licenciatura. Foi durante a gravidez da primeira filha que preparou a sua tese, embora só a viesse a defender já a Inês tinha 9 meses. Licenciou-se em medicina. Aceitou o desafio de uma colega e foi trabalhar no dispensário do Instituto de Assistência Psiquiátrica (IAP), ficou profundamente decepcionada quando a direcção considerou que os estagiários após 3 meses estavam aptos a ser psiquiatras; sentia que o que sabiam era tão pouco, e o tipo de assistência que era dado aos doentes mentais fê-la pedir a exoneração e concorrer aos hospitais civis de Lisboa. Fez o internato Geral (Cirurgia e Medicina) e o Intermédio de Neurologia, e depois de Psiquiatria no Hospital Júlio de Matos, após Concurso de Estagiário. Cerca de dois ou três anos depois, fez Concurso de Assistente, a nível Nacional, obtendo o primeiro lugar.

Nessa época, ainda não havia internato de Pedopsiquiatria, só de Psiquiatria geral. Assim, após o concurso pediu transferência para o Centro de Saúde Mental In-

fanto-juvenil de Lisboa, dirigido pelo seu mestre João dos Santos. Assistiu a uma intervenção dele num caso de mutismo de uma criança, ficou maravilhada e pensou - é disto que eu gosto! Teve como mestres em Pedopsiquiatria João dos Santos, Margarida Mendo e António Coimbra de Matos. Levou um grupo de avós de Lisboa a um colóquio realizado na Gulbenkian. Sentaram-se na primeira fila, teve um efeito psicoterapêutico surpreendente. Em 1992 e de acordo com o seu espírito de inconformismo, denunciou as medidas que o governo propunha implementar, por considerá-las gravosas na área da saúde mental.

Fez Psicanálise na década de 60 com José Pedroso Flores. Na SPP fez a sua formação até chegar a membro didacta, após a sua saída desta sociedade foi convidada como membro honorário da PsiRelacional. Nesta nossa associação é Membro Fundador e Membro dos Corpos Sociais; foi membro da comissão de ensino, foi formadora dos novos candidatos, e deu-nos tanto...

Participou em inúmeros congressos e colóquios. Escreveu diversos artigos e publicou várias obras da especialidade. Contribuiu para a construção interna, do psicólogo/psicoterapeuta, de muitos de nós; para a aprendizagem e desenvolvimento da nossa prática clínica, com o seu vasto percurso em supervisões, quer em contexto individual como em institucional.

Mulher / Mestre – minha e de tantos outros

Recebia-me no seu escritório; era um espaço acolhedor, de afecto; de livros e molduras com fotografias que imortalizam a vida. Oferecia a sua secretária, sempre coberta de trabalhos em curso, afastava os seus papéis para dar lugar aos meus. Acolhia-me calorosamente, e eu? - sentia-me na minha casa interna. Quantas vezes cheguei ansiosa, inquieta, aflita, turbulenta, e a sua calma, sabedoria e contenção, devolviam-me a tranquilidade necessária ao estar e ao pensamento. Tinha sempre um relato, de um caso, de uma experiência da sua prática clínica para associar às dúvidas e questões que eu levava. Como era rico esse trabalho. Permitiu-me um colo de crescimento; um espaço de criatividade.

Bebíamos chá e comíamos bolachas, e riamos-nos...

Foi, e é, uma mulher que me fez e faz mais mulher!